

Desrespeito e agressões no transporte público

VIAGEM CANCELADA: O preconceito que limita o ir e vir da comunidade

Pressionados a se tornarem INVISÍVEIS

Transfobia no transporte público afasta a comunidade T do convívio social e priva essa parcela da população de uma vida digna

ALINE BRITO PEIRETO GRIGORI TALITA DE SOUZA

O medo e a sensação de insegurança fazem uma pessoa transsexual sair menos de casa... Um levantamento feito pelo Instituto Locomotiva evidenciou o grau do problema: a cada 100 pessoas trans, 44 dizem já ter sido vítimas de transfobia em ônibus ou metrô...



Ladymilla Santiago percebe olhares e atitudes diferentes quando entra no transporte público



Agressão a professora trans em Recife foi gravada por testemunhas

Vencidos pelo medo 'Infelizmente, pessoas trans tememos de casa. É um dado extremamente assustador, especialmente porque ambiente coletivo

Calada a tapa por policial

O sentimento de que uma denúncia não daria em nada passou pela cabeça de uma vítima de transfobia em Pernambuco. 'Se não a palavra de uma trans conta para a de um policial, diz a mulher de 26 anos que levou um tapa na cara desferido por um militar que deveria protegê-la...'

policial já começou a pedir desculpa', conta. Fato é: o casal quantos agressores foram levados até a Central de Feriados da Capital (Cefaprac). Ela decidiu não prestar queixa contra o grupo, pois se tratavam de moradores da mesma comunidade onde vive. Mas decidiu ir à mídia na denúncia contra o PM. 'Com o vídeo e a repercussão, procurei meus direitos. Eu lutei muito na minha vida para ser respeitada na sociedade como uma mulher trans. Cada dia ao acordar é uma batalha, e quando termina o dia é sempre agradecer a Deus por estar viva', diz a educadora.

Procurada pelo Correio, a Corregedora Geral da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco informou que todas as providências disciplinares acerca do caso foram tomadas e que um dos envolvidos foi punido disciplinarmente com 21 dias de detenção. 'Além disso, segue em trâmite no MPPE um inquérito policial militar que objetiva apurar possível indicio de crime militar durante a ação policial', informou a corporação, em nota.

LEIA AMANHÃ Carro por aplicativo tornaram-se cenário de agressões contra a comunidade LGBTQIAP+

não é seguro. Seja um banheiro, seja uma festa ou um transporte público', declara Bruna Benevides, secretária de articulação política da Associação Nacional de Travestis e Transmulheres (Antra), com base nas análises feitas pela associação. A especialista explica que um dos objetivos dos episódios de preconceito é tornar o dia a dia de mulheres e homens trans tão violento, penoso e inseguro, que a única opção dessas pessoas seja se isolar em casa e deixar de ocupar o espaço público. 'Resta qualquer um se precaver, onde estão as pessoas trans dentro dos ambientes sociais, coletivos e do transporte público', indaga. 'São pessoas que saem menos

para trabalhar, vestiam menos as suas famílias e têm menos atividades de lazer, com medo de serem agredidas na rua', diz Lenayla Meneles, presidente do Instituto Locomotiva, responsável pela pesquisa. Os relatos de episódios de transfobia se acumulam, mas não são contabilizados pelo Estado. Seu preenchimento adequado do campo de gênero das denúncias recebidas pelo Ministério dos Direitos Humanos, não foi o mesmo nos últimos três anos ocorridos com representantes da lei 1. 'A ausência de dados também é resultado de uma cultura

da segurança pública que cria um ambiente tão violento que as pessoas não se sentem seguras para fazer esse tipo de denúncia', explica Bruna. Somado a isso, há uma descrença na justiça, que não dá o devido encaminhamento aos casos, e as pessoas passam a achar que processar ou denunciar não vai dar em nada', completa.

Violência velada

Os episódios de preconceito nos coletivos nem sempre ocorrem de maneira explícita e com agressões físicas ou verbais. A assessora parlamentar Ladymilla Santiago, 40 anos, conta que só notou muitos dos reflexos da transfobia meses depois de viverem-las. 'Acontece de algumas pessoas se incomodarem com a sua presença em um coletivo e mudarem de lugar quando você se senta perto. No começo, você acha que é apenas coincidência, mas com o tempo e a vivência, entende que foi um processo de transfobia', desabafo.

Ha rémora um confronto que ocorreu dentro do vagão exclusivo para mulheres do metrô de Brasília. 'Assim que me sentei na cadeira, a senhora que estava ao meu lado disse que aquilo não era meu lugar, e se levantou do lugar', conta. Surpresa, Ladymilla disse que 'transfobia é crime'. 'Eu estava com minha irmã, fiquei nervosa e não conseguia ter uma reação mais incisiva. Passar por situações como essa é uma coisa para a qual nunca se está preparado', diz. 'A transfobia diz que nós não podemos utilizar o transporte coletivo, e que se queremos ser trans, que isso seja dentro das nossas casas. Porque o objetivo dos transfóbicos é fazer com que nossos corpos trans não existam', completa Ladymilla.

35 anos

É expectativa de vida de uma pessoa transsexual no Brasil

77 anos

É expectativa de vida da população geral no Brasil

País que mais mata trans

Em janeiro deste ano, a Antra entregou ao Ministério dos Direitos Humanos um dossiê sobre o assassinato de 131 transexuais e transtives por questões de gênero em 2022 — número que deixa o Brasil na liderança entre os países que mais matam trans pelo 14º ano seguido. Uma característica comum dos casos de LGBTQIb é a brutalidade e perversidade, diz o relatório Livres e Iguais, da Organização das Nações Unidas (ONU) pela igualdade LGBT. 'Ataques a pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero são muitas vezes impulsionados por um desejo de punir aqueles vistos como desafiadores das normas de gênero e são considerados uma forma de violência de gênero', diz a organização. E os LGBTQIAP+ não são os únicos vulneráveis a essa violência: a ONU destaca que a 'mera percepção de homossexualidade ou de identidade transgênero é suficiente para colocá-los como alvos em risco'. As agressões que ocorrem no transporte público fazem parte de uma realidade já constatada pelos dados da Antra: é nos espaços coletivos onde mais transexuais são violentados e até mesmo assassinados. Devido aos frequentes episódios, a Antra está desenvolvendo campanhas e cartilhas com orientações de autoproteção diária para a comunidade T. 'Quando pegarem um transporte por aplicativo, compartilhem a sua localização com alguém de confiança. Quando estiverem dentro do transporte coletivo, não fiquem muito distraídas com o fone de ouvido, prestem atenção no que está acontecendo ao seu entorno. Evitem as poltronas da janela, porque nelas fica mais difícil fugir em um caso de assédio ou violência. E, principalmente, denunciem os casos e construam um ambiente social que possa reconhecer que esse tipo de violência não pode ser naturalizado', explica a especialista Bruna Benevides.

Duas perguntas para DUDA SALABERT

Deputada Federal (PDT-MG) e mulher transsexual

Levantamentos do Instituto Locomotiva e da Antra mostram que as pessoas trans usam menos o transporte público por medo e preconceito. O que pode ser feito para melhorar essa situação?

Terho insistido em dizer que nós pessoas trans ainda não conquistamos o direito à humanidade. O acesso ao transporte público e de qualidade é fundamental para o direito à cidade, para que as pessoas possam usufruir do espaço urbano, seja para o lazer, seja para o trabalho ou que mais a cidade ofereça. A população trans acaba habitando em sua maioria, apenas espaços marginais, nas esquinas pela madrugada. Como consequência, fica excluída de usufruir muito do que a vida na cidade pode oferecer. É raro você ver uma transveste num shopping, se divertindo num parque ou até mesmo utilizando algum equipamento público pela manhã. Para mudar isso precisamos de um conjunto complexo de ações que combine ações pedagógicas para treinar os funcionários das empresas de transportes públicos e privados sobre a importância do respeito às pessoas LGBT, com regulações que permitam a

responsabilização das empresas que violam os direitos LGBT.

Apenas um quarto dos episódios de homotransfobia nos transportes viram uma denúncia a ser investigada. O que pode ser feito para tornar mais fácil o processo de denúncia de casos de homotransfobia?

Conquistamos avanços jurídicos de reconhecer que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero não são aceitas pelas nossas leis, mas ainda há um gap de colocar isso na prática e começa justamente em instituições que são responsáveis pelo acolhimento e investigação. É uma série de problemas. Precisamos treinar esses servidores públicos para acolher adequadamente essas denúncias. A investigação é o segundo. É comum que os investigadores não saibam perceber as especificidades das violências LGBTQIb ou nem as reconhecem como violência, impedindo o andamento do caso. Há também uma dificuldade de que os instrumentos de coleta de informações, como os boletins de ocorrência, nem sempre possuem campos específicos que permitam identificar que vítima é LGBTQI e qual a motivação do crime foi a LGBTQIb. Como parlamentar tenho atuado para mudar



Duda Salabert em evento público

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades + Política e Economia do DF Pagina: 13